



VIAJAR COM...

Maria Ondina Braga



A MULHER, A ESCRITORA



1. MARIA ONDINA

Visitá-la era entrar num ambiente de uma delicadeza quase física. Sabia receber como uma inglesa, com um culto de gestos oriental. Mas toda uma riquíssima experiência de vida e de cultura se furtava à exibição que é tão frequente nestes meios. Suaves e magoados, os seus dias, não ocupando mais espaço do que ocupam a música ou o perfume de uma flor, eram uns dias de ave escrevedora.

Os seus textos alcançam uma perfeição rara, uma sobriedade limpa e funda que é o mais difícil de alcançar e, se se aprende, é só depois de muito tempo. A Maria Ondina conseguiu-o desde o início. Insisti muito para que escrevesse *Vidas Vencidas* e fiz vénia ao ler o livro. Indignei-me com a negligência e o silêncio crítico que, se não podem afectar a obra, prejudicam a sua difusão.

Quando nos conhecemos deu-me um creme de pérolas. Eu levava-lhe ervilhas-de-cheiro do meu jardim. Já não tenho jardim e pouco importam memórias pessoais. O que importa é que os seus livros magníficos façam parte do plano de leitura de um país que não soube amá-la em vida.

Hélia Correia



BIOGRAFIA CRONOLÓGICA

1932 – Nasce, a 13 de janeiro, na casa de família, em Braga, Maria Ondina Soares Fernandes Braga. (Contrariamente a uma ou outra alusão esporádica que possa apontar em sentido diferente, sempre desmentidas pela própria e pela família, esta é em rigor a data em que Maria Ondina nasceu para si como escritora e para todos aqueles que são os seus leitores.)

1949 – Publica *Meu Sentir* (poesia), edição de autor.

1952 – Publica *Almas e Rimas* (poesia), edição de autor (ambos retirados pela escritora daquela que considera ser a sua obra).



1956 – Parte para o Reino Unido para aperfeiçoar a língua inglesa. Trabalha como “au pair” em casa do Dr. Chalmers, médico em Worcester. Acompanha a família do médico nas longas temporadas de férias em Inverness, Escócia.

1958 – Conclui o curso de Língua Inglesa na *Royal Society of Arts* (London). Parte para Paris onde frequenta a *Alliance Française*. É precetora de crianças na família Ballet.

1959 – Deixa Paris em setembro, regressando a Portugal.



- 1960 – Parte para Angola e leciona português e inglês em Luanda.
- 1961 – Parte para Goa, trabalhando na Missão de Caranzalém, mas a invasão do território português pelas tropas indianas leva-a, nesse mesmo ano, até Macau. Antes de aportar em Macau, visita Hong-Kong, onde voltará durante os anos em que permanece em Macau. Leciona português e inglês no Colégio de Santa Rosa de Lima (Macau). Durante a estadia em Macau, faz uma viagem de Hong-Kong até à Somália francesa e a Jibuti, com passagem pela Índia. Terá visitado ainda o Cairo, cuja memória “de pedra” a impressiona.
- 1964 – Abandona Macau, regressando a Portugal. Instala-se em Lisboa. Traduz vários autores de renome (Graham Greene; Pearl S. Buck; Anaïs Nin; John le Carré; Mishima). Publica *Eu vim para ver a terra* (crónicas), Agência Geral do Ultramar (1ª ed).
- 1968 – *A China fica ao lado* (contos), Panorama.
- 1969 – *Estátua de Sal* (romance), Sociedade de Expansão Cultural (1ª ed). Viagem aos Açores.
- 1970 – *Amor e Morte* (contos), Sociedade de Expansão Cultural (1ª ed.)
- 1971 – Viagem a Itália: visita Roma e Veneza.



- 1972 – Em setembro, viaja até ao Brasil, onde se encontra com Jorge Amado, Carlos Nejar, Gilberto Mendonça Teles e, tanto quanto é possível apurar, com Clarice Lispector.
- 1973 – *Os Rostos de Jano* (novelas), Bertrand.
- 1975 – *A Revolta das Palavras* (contos), Bertrand. Viagem à Madeira (Porto Santo).
- 1978 – *A Personagem* (romance), Bertrand.
- 1980 – *Mulheres escritoras* (biografias breves), Bertrand.
- 1980 – *Estação Morta* (contos), Vega.
- 1982 – Volta ao Oriente como professora convidada de Instituto de Línguas Estrangeiras de Pequim. Regressa definitivamente a Lisboa no final desse ano. Publica *O Homem da Ilha e outros contos* (contos), Ática.
- 1983 – *A Casa Suspensa* (novela), Relógio d'Água.
- 1984 – *Angústia em Pequim* (contos), Ulmeiro.
- 1986 – *Lua de Sangue* (contos), Rolim.
- 1988 – “Uma descoberta e um descanso”, colaboração em *Bibliotecas: Memórias e mais dizeres* (org. H. Barreto Nunes), Bibl. Pública de Braga.
- 1990 – Escreve o argumento do filme *A Lição de Inglês* de Vítor Silva (21mn). De 13 de fevereiro a 3 de março faz a última viagem a Macau.
- 1991 – *Nocturno em Macau* (romance), Caminho.
- 1992 – *A Rosa de Jericó* (contos), Caminho.
- 1994 – Recebe a medalha de ouro da cidade de Braga. Publica *Passagem do Cabo* (literatura de viagens), Caminho.
- 1995 – *A Filha do Juramento* (contos), Ed. Autores de Braga.
- 1998 – *Vidas Vencidas*, (biografia ficcionada), Caminho.
- 2000 – *Quando o Claustro é Sem Ninguém*, Fundação Bracara Augusta.
- 2003 – Morre no dia 14 de março, no Lar Conde de Agrolongo, em Braga. É sepultada no Cemitério de Monte de Arcos.



BIBLIOGRAFIA SELECIONADA

- A China Fica ao Lado* – 1968
Estátua de Sal – 1969
Amor e Morte – 1970
Os Rostos de Jano – 1973
A Revolta das Palavras – 1975
A Personagem – 1978
Mulheres Escritoras – 1980
Estação Morta – 1980
O Homem da Ilha e outros contos – 1982
A Casa Suspensa – 1982
Angústia em Pequim – 1984
Lua de Sangue – 1986
Nocturno em Macau – 1991
A Rosa de Jericó – 1992
Passagem do Cabo – 1994
Vidas Vencidas – 1998



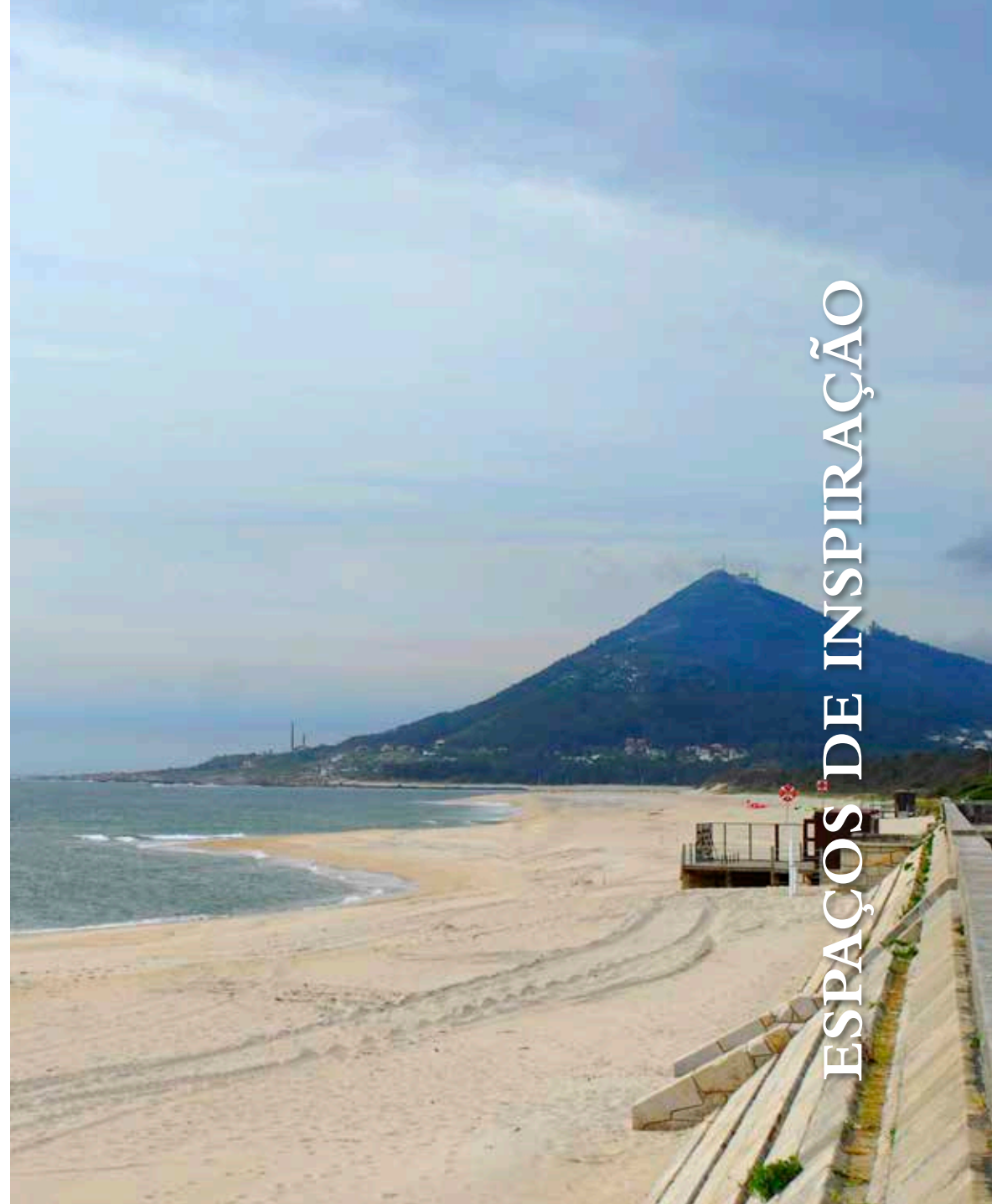
Obras Póstumas ou Inéditas

- O Jantar Chinês e outros contos, Caminho* – 2004
Retratos com Sombra (biografias femininas) – Inédito.

Prémios

- A China fica ao lado*, Prémio do Concurso de Manuscritos do SNI – 1966
Amor e Morte, Prémio Ricardo Malheiros da Academia de Ciências de Lisboa – 1970
Nocturno em Macau, Prémio Eça de Queirós – 1991
Vidas Vencidas, Grande Prémio de Literatura DST (romance) – 1998

Maria Ondina Braga



ESPAÇOS DE INSPIRAÇÃO



2. ESPAÇOS DE INSPIRAÇÃO

Escritora que percorreu os quatro cantos do mundo, com um perfil multicultural internacional únicos, Maria Ondina Braga transformou, na e pela escrita, os muitos lugares que marcaram o seu percurso biográfico em lugares inspiradores, para não dizer míticos.

Das muitas estradas do mundo que palmilhou, há uma que lhe ficou especialmente gravada na memória. Uma estrada a norte de Portugal que será um dos seus lugares inspiradores:

A estrada de Braga ao Porto ficou-me de cor. Quando íamos de comboio, em Gavião entrava o ceguinho. Vinha com ele o fado desafinado até à próxima paragem. Eu gostava mais do comboio. Dava a impressão de uma viagem mais importante. Não cheirava a óleos nem a gasolina. E, já ao chegar ao túnel, o gosto mineral do carvão na garganta, a sombra que invadia as carruagens, o silêncio que se levantava, tinham o seu quê de romântico. Correndo a nosso lado, qual sonho de febre, os muros caiados das quintas e dos quintais, tufos de trepadeira, roupa a secar, medas crestadas do tempo e aureoladas de pardais. Tudo a fugir para longe, ou nós a fugir de tudo, na eterna confusão dos versos de Catulo.



Nas vilas, as feiras. As barracas de carne de porco na Trofa. Às vezes, um circo. O verão sempre desfazia a terra que ficava branca, exausta, fêmea de parto. Os adros das igrejas, áridos de sol ou musgumentos da invernia. Era agora a camioneta. O “chauffeur” descobria-se. Um mendigo formal, de bordão e sacola, vinha estender a mão aos passageiros. Casas boas, paredes de ladrilho, varandas fechadas, portões de ferro. Ficava-se a cismar no que seria uma vida inteira ali, nessas vilazinhas de presépio, entre a igreja e o café, a mercearia e o barbeiro. Ressuscitavam os romances de Camilo - amores infelizes, casamentos de conveniência, paixões assolapadas, e traições, bruxas, tiros.

Por fim, a cidade. Transia-me um calafrio. Não mais a divagação, os caprichos da memória. Necessário despertar para o verdadeiro das ruas, atender ao tráfico, às horas, à civilização.

São Bento. Aquele requinte de azulejos, capricho, irónico, na pesada, suja estação. Nunca ninguém a esperar-me.

Estátua de Sal.

A viagem pela linha do norte, que reaparecerá na novela “A Fuga” de *Os Rostos de Jano*, é para a escritora o retrato do país rural, do quotidiano das vidas das gentes simples do Minho desfilando por entre os vidros da janela do comboio. Memória viva de um tempo antigo marcado por práticas sociais imemoriais, mais próximo das raízes e do pulsar da natureza. Mais próximo também dos dramas, paixões, traições e mistérios que alimentam a imaginação de um escritor como Camilo que foi, desde a infância, sua companhia na viagem da vida. Como naquela viagem de comboio de N’Dalatando a Malanje em que a leitura de *A Brasileira de Prazins* lhe desperta um riso incontrolável que contagiárá toda a carruagem.

A estrada Braga-Porto é um limiar simbólico, uma linha de fronteira entre o país primordial e a civilização, entre a “estaçãozinha mal iluminada de Braga” e a “pesada, suja, estação” de São Bento, de que apenas se salva o inesperado e caprichoso “requinte de azulejos”. A gare que a levará aos comboios do mundo. A solidão como condição da escrita.

Se esta estrada revela a Ondina o Minho camiliano, intemporal, ele é igualmente visível nas romarias, entre o devoto e o pagão, nas várias capelas e ermidas espalhadas pelos arvoredos e sobre os montes como lápides votivas à memória de antigos cultos proto-históricos. Ou ainda nos passeios familiares com a tia Glória, grande contadora de histórias, além da mulher emancipada que deixará uma profunda marca em Ondina; mulher que vai para o Brasil num “tempo em que a norma do comportamento da mulher casada era nem mais nem menos que a submissão”.

É com a “mãe do misticismo” que Ondina conhece a cobra embalsamada da Senhora do Alívio, imagem que lhe evoca a jararaca morta pela tia na fazenda do Brasil. Como é com ela que fica a conhecer o “outro lado” da Póvoa do Varzim, a funda religiosidade da cidade piscatória, para lá da Avenida dos Banhos da mais popular estância balnear nortenha. Do tio e do pai, fica-lhe na memória a varanda onde ambos se deliciavam a contemplar “paquetes ingleses. Transatlânticos. Petroleiros quando tal. Além dos nossos vapores de carreira paras as colónias. Com o binóculo, claro. (...) Um miradouro sobre a imensidão das águas e areias e dunas até A-Ver-o-Mar. Já sem falar do esplendor do pôr do Sol. E o retorno das lanchas e traineiras, ao entardecer, o marulho das vagas, o cheiro fresco da maresia”.

Ficam igualmente impressos na memória da escritora o café Guarda-Sol, na marginal, e o cinema onde os pais viam filmes portugueses. Ou os de Charlie Chaplin.

Mais a sul, Vila do Conde, rivalizando como destino de férias, aristocrática, com a música das rendilheiras, mas sem os “barquinhos” que deliciavam a criançada:

Quem passasse um mês a banhos na Póvoa, de certeza que, ao menos uma vez, tinha de ir a Vila do Conde. A maior parte das pessoas atraídas pela farta feira semanal e os pastéis das monjas do Mosteiro de Santa Clara.



Meu tio, esse percorria os três quilómetros a pé, não apenas porque caminhar era um exercício saudável, como para apreciar os monumentos da ilustre vila e a barra do rio Ave.

Vila do Conde – que ainda hoje não se sabe qual o titular que lhe dera o título– nessa altura, todavia, terra de nobreza, Vila do Conde. Fidalgos, lá, com casas boas e herdades solarengas, os donos da praia, por assim dizer. Uma praia, no entanto, despovoada. Meia dúzia de crianças, enroupadas, ao cuidado das amas. Um elegante cavalheiro a passear o seu cocker spaniel. E, quando tal, uma bilreira de mãos aladas, ao jeito de quem tocasse martelinhos: para tomar os ares, a moça, ou simplesmente para se encontrar com algum marinheiro de águas doces?

Praia que nem praia parecia, Vila do Conde. Sem banheiro. Sem barquinhos.

Vidas Vencidas

Seguindo de Vila do Conde e Póvoa pelo litoral, rumo a norte, uma paragem na Apúlia, paisagem mítica para Ondina, um desses lugares “fora do mundo” que a encantam, onde os moinhos de D. Quixote “esbracejam ao vento”, os pinhais escondem lobisomens e as vacas pastam sargaços. O olhar da escritora não se interessa pela praia, mas pelas gentes e pelas vidas intimamente ligadas ao mar; desde logo, por aqueles “homens que, lá pela noite, iam buscar o pilado que os carros de bois carregavam, a chiar, para adubo das terras”. Apúlia, memória de gestos ancestrais. Os gestos dos sargaceiros e de uma faina hoje desaparecida, a da apanha do caranguejo pilado cuja decomposição há de fertilizar a terra, ambas imagens identitárias deste lugar.

Vida e morte intimamente ligadas na escrita de Ondina, tal como íntima é a relação entre escrita e memória etnográfica convocada pela paisagem “selvagem” do litoral entre Apúlia e Esposende. Desde logo, a Apúlia, topónimo que parece dever a sua origem às semelhanças que os romanos aqui encontraram com certas construções de Puglia, na Itália, vindas dos tempos celtas. E, de um modo especial, o lugar mágico das Pedrinhas com



os seus “barcos de pedra” ancorados nas dunas desde os tempos em que os vikings (em particular, os normandos) andaram por esta costa, aqui enteraram os seus mortos assinalando as sepulturas com pedras dispostas em forma oval (provável origem do nome deste local) ou aqui fundearam os seus barcos. As casas-barco mais antigas do mundo ocidental são a memória viva da passagem destes povos, sendo possível ainda hoje detetar a cobertura com a quilha em V do casco original do barco a partir do qual estas casas foram construídas. Barcos nas dunas da memória, estas casas contam-nos histórias de marinheiros e de viagens, histórias escritas na página em branco do areal, na caligrafia incerta dos ventos.

É essa paisagem primitiva, com moinhos e barcos de pedra que Ondina encontra ainda nas Marinhas, para lá da foz do Cávado e de Esposende, cenário do belíssimo conto “Uma história das Marinhas”:

E as Marinhas é fora do mundo.

Chega-se lá por caminhos poeirentos, de trilho incerto, onde automóveis recuam para deixar passar manadas. Lá, como os de Dom Quixote, os moinhos ainda esbracejam ao vento e moem o grão. Lá, o gado pasta os sargaços do mar (brancos e pretos, os animais – frutos do amor entre a terra e a água?), o povo fala uma fala antiga, e no pinhal há de certeza lobisomens.

A Revolta das Palavras





Continuando a subir o litoral em direção ao Norte, chegamos a Viana do Castelo. Lugar afetivo na cartografia de Ondina por ter sido esse o sítio escolhido para lua de mel dos pais. Estância turística em voga nessa época, Viana destaca-se pela deslumbrante beleza da paisagem natural que o miradouro de Santa Luzia coloca ao alcance dos olhos do visitante e pela arrojada modernidade que a ponte dupla, com assinatura de Gustave Eiffel, lhe confere.

O farol de Montedor, em Carreço, é também um lugar de afeto para Ondina pelas histórias lendárias e rituais ancestrais que o envolvem, entre eles, a história de uma traineira desaparecida durante semanas que dá lugar ao conto “Um lugar à beira-mágoa”:

O rugido das ondas no paredão fazendo coro com as carpideiras.

Na casa do faroleiro, enquanto a bruma lá fora afogava o olho da luz (Ai Montedor! Ai monte de tantas dores!), a feiticeira do sítio decifrava o destino dos mareantes num alguidar cheio de água – água que não podia ser lançada à terra nem consumida por nenhum animal.

A Revolta das Palavras



Moledo é um dos sítios de eleição, lugar secreto ao qual Ondina regressa na época estival. Dele nos deixa um testemunho íntimo numa carta escrita da “Pensão Ideal”, onde costumava ficar nos tempos de infância:

Cheguei esta tarde a Moledo. (...) Tu nem calculas como isto é sossegado. Uma grande praia deserta, larga, branca, com um mar que geme. De volta, pinhais, o Monte de Santa Tecla ao fundo, já Espanha, o ilhéu que de tantos em tantos anos ganha um istmo e se pode alcançar a pé enxuto. (...) [A]portar a Moledo, pacato e limpo, foi como aportar ao Paraíso. (...) estou a ficar enfeitiçada por este sossego, os caminhos de pedras brancas com plátanos, trepadeiras, de folhas verdes e vermelhas, o pinhal do Camarido, as casas fechadas, compostas, em frente ao mar, o sol e a sua estrada de luz e de sons nas águas quase paradas. Penso que hei-de acabar a vida numa cabana ao pé do mar. E sempre a praia me pareceu melhor no outono.

Carta a Jacinto Prado Coelho, Moledo, 1 de outubro 1971

Moledo, como Vila Praia de Âncora, outro dos seus refúgios particulares, é ainda mais bonito no outono, a estação preferida de Ondina para passar férias, acompanhada da tia Glória. A estação do ano em que Gabriela, personagem do conto “A Fuga” de *Os Rostos de Jano*, chega a



Moledo para respirar os ares da liberdade conquistada com a viuvez. O lugar escolhido para morar na sua nova vida, entre o rio Minho, a praia e o pinhal do Camarido. O mar e as árvores são, aliás, uma das paixões de Ondina, como confessa numa das páginas de um diário inédito escrito a bordo do navio-cruzeiro Infante Dom Henrique, durante a viagem ao Brasil, em 1972: “O mar é a minha paixão na natureza. O mar e as árvores.”.

A partir de Moledo, afastando-nos do litoral, iniciamos o percurso de regresso a Braga. Com paragem obrigatória em Ponte de Lima, vila medieval integrada na rota de Santiago de Compostela, cuja beleza senhorial encanta a escritora. Trata-se de um lugar de memória para Ondina, do qual deixa um relato emotivo numa carta de Barcelos, datada de 1975, onde se destacam a avenida das faias e a Torre da Cadeia Velha:

Ontem fui a Ponte de Lima com a minha irmã. Uma tarde chuvosa na vilazinha de pedra e rio; a avenida das faias; velhas casas senhoriais solenes e sóbrias – que lindo é Ponte de Lima! Conhece? Acho que tinha lá ido na excursão do primeiro ano do liceu. Então os presos deitavam um cestinho pelas grades da sinistra torre musgosa para os passantes porem lá uns tostões. Agora essa torre é a biblioteca da vila. Fomos na camioneta de carreira, atravessando serras e vales cultivados, na paisagem toda verde de matos e prados e vermelha de vides de enforcado. Em alguns sítios fazia-se ainda a vindima. O sol brilhava de repente na verdura molhada. Um bonito passeio.

Carta a Jacinto Prado Coelho, Barcelos, 14 a 16 de outubro de 1975

De Ponte de Lima seguimos para Terras de Bouro, em pleno Parque Natural da Peneda – Gerês. O miradouro da Pedra-Bela e a soberba vista sobre as montanhas e sobre a confluência dos rios Caldo e Cávado, paisagem por demais inspiradora, a Serra Amarela, bem como o Santuário de São Bento da Porta Aberta são referência ou cenário em vários momentos da escrita de Ondina. A natureza agreste surge aqui de mãos dadas com um tempo primitivo, trilhos de pastores, a crença e a superstição das histórias da tia Glória.





De Terras de Bouro seguimos para a estância termal de Caldelas, visitando o Hotel da Bela Vista, muito procurado pela burguesia do norte, onde trabalhava a tia Glória como governanta no verão. Ou ainda o sumptuoso Grande Hotel do Parque, da vila do Gerês, hoje em ruínas, e as Termas do Gerês, vindas dos tempos dos romanos, presentes no conto “Pássaro Mudo” de *Estação Morta*.

Rumo ao sul, em direção a Braga, paragem obrigatória nos Mosteiros de Santo André de Rendufe e São Martinho de Tibães, ambos datados do século XI. O primeiro é uma das principais casas beneditinas dos séculos XII a XIV, ampliada no século XVIII, cuja igreja barroca que se destaca pela imponente talha dourada. O segundo viria a sofrer importantes acrescentos ao longo dos séculos, tornando-se, no século XVI casa-mãe da Congregação de São Bento de Núrsia em Portugal e no Brasil. Constituído pela atual igreja, erigida entre 1628-1661, pelas alas conventuais e por um extenso espaço exterior, a Cerca (com destaque para o escadório, a mata e o lago-espelho de água), o Mosteiro de Tibães justifica uma visita demorada, sendo como é, um lugar simbólico do pensamento e da arte portuguesa, além de um espaço de rara beleza. A biblioteca de Tibães é referida por Camilo, tendo Alexandre Herculano, em plenas lutas liberais, recolhido e levado para o Porto alguns dos livros mais valiosos, a fim de evitar a sua perda. Os restantes livros de Tibães estão hoje na Biblioteca Pública de Braga.

Com a extinção das ordens religiosas em 1834, o mosteiro foi vendido em hasta pública. É esse momento de exílio forçado e de abandono que Ondina retém como imagem, através dos relatos da mãe. O seu olhar enternece-se perante as figuras proscritas, reduzidas à sua humana condição, à errância como destino: *Frades e freiras, manhã cedo, rumo à estação do caminho de ferro, trouxa debaixo do braço, olhos no chão. (...) Emocionada, ela, ao vê-los caminhar desajeitados nas roupas à paisana, tão desconsiderados os ministros do Senhor!*

O mosteiro tem vindo a ser recuperado pelo Estado mantendo hoje uma hospedaria e restaurante abertos ao público.



Passando ao lado de Braga, seguimos em direção a Guimarães. Cidade imponente com o seu castelo, o Palácio dos Duques, o charme medieval do Largo da Oliveira e das ruas estreitas do centro histórico, Guimarães é evocada por Ondina como urbe fidalga e ciosa dos seus pergaminhos, nomeadamente em *Lua de Sangue* ou a partir de uma personagem do conto “A Mulher que queria morrer”, de *Estação Morta*.

Já Amarante é uma casa que a aconchega nos braços e à qual regressa para retemperar energias. Não apenas pela beleza deslumbrante da cidade à beira Tâmega e pela sua antiquíssima história de pedra, mas também pela profunda amizade que a unirá toda a vida à escritora Eulália de Macedo.

De regresso a Braga, fecha-se o círculo imperfeito deste roteiro, voltando à estrada inicial e à memória de Camilo Castelo Branco. O que torna obrigatória a paragem em São Miguel de Seide e uma visita à Casa Amarela, espaço familiar para Ondina:

A minha visita à casa-museu do escritor ocorreria muito mais tarde, na companhia de uns estrangeiros, e por sinal de forma bem estranha. Com efeito, a primeira vez que punha aí os pés, e nada que não fosse já do meu conhecimento. A Casa Amarela, os cômodos da casa, a vista das janelas, os retratos nas paredes da sala, a reverdecida acácia do Jorge, tudo, nessa hora, como se eu não só tivesse por lá transitado mas tivesse mesmo aí vivido. Não sei explicar. Sei é que avancei pela casa dentro, com os ingleses, sem a menor surpresa, e, coisa esquisita, direita a cada aposento, ciente – abrenúncio! – ciente de quem ali estivera e de quanto aí acontecera. (...) E tudo a meio de um sério, assombrado silêncio: as faces, os factos, as fantasias e os sofrimentos e infortúnios. Todas as forças, enfim, para não dizer violências da fatalidade. Algo que, no entanto, jamais me havia sucedido e que ainda hoje me espanto. Mistérios de alguma primitiva vivência, alguma anterior encarnação, quem sabe? Ou nada mais nada menos que a minha instintiva e íntima associação às sombras da Casa Amarela?

A Filha do Juramento



Última paragem na cidade medieval de Barcelos, cuja marca identitária passa pela lenda do galo com o seu nome, verdadeiro ícone do país, e pelos barros de que Ondina tanto gosta (em particular, os de Rosa Ramalho), atrativo principal em dia de feira:

Hoje a Micinha, o Luís e o Luisinho vieram passar o dia connosco, almoçaram aqui, fomos à feira comprar barros. Barcelos no dia de feira tem o dobro das pessoas na rua, os cafés a transbordar de fregueses, tráfego.

Carta a Jacinto Prado Coelho, Barcelos, 10-16 de outubro de 1975

Braga, cidade natal da escritora, é mais do que um lugar inspirador, uma raiz móvel que a acompanhará nos vários caminhos do mundo. Lugar matricial na sua topografia literária, merece um destaque particular.





3. TOPOGRAFIA LITERÁRIA

A topografia literária de uma escritora nómada como Maria Ondina é missão impossível. Ela teria de passar forçosamente por lugares tão distantes como Hong-Kong e Pequim, Coloane e Caranzalém, Luanda, Baía e Rio de Janeiro, Cairo, Paris, Londres, Worcester ou Inverness. Lugares que a sua vida convoca e que, em muitos casos, se transformaram em matéria de criação ficcional. Macau e a China são espaços bem presentes na sua obra, nomeadamente no romance *Nocturno em Macau*, nos contos de *A China Fica ao Lado*, *Angústia em Pequim*, *O Jantar Chinês* ou nas narrativas autobiográficas de *Passagem do Cabo*, onde marcam igualmente presença Angola e Goa.

Todavia, apesar desta condição itinerante, os lugares nortenhos, aqueles em que a escritora viveu a sua infância e juventude, ocupam um estatuto especial na sua geografia íntima. Pela referencialidade direta a estes espaços, sua recorrência na escrita e importância simbólica, poderá dizer-se que eles constituem, mais do que elementos de uma mitografia pessoal, uma bússola ou legenda do mapa mundi que a escritora percorreu. A escassez de referências a Lisboa, cidade onde viveu tantos anos, vem apenas reforçar a importância desta geografia mítica.

É a estes lugares de memória, em particular à cidade natal, que Ondina constantemente regressa, procurando as raízes de uma identidade fragmentada e dispersa pelos vários cantos do mundo. Eles são o eixo a partir do qual se confronta consigo própria e com a alteridade do mundo; a raiz (o cordão umbilical) a partir da qual constrói a autobiografia ficcionada *Vidas Vencidas*.



A viagem à geografia literária de Ondina, passa, em primeiro lugar, por uma visita à cidade de Braga onde a escritora nasceu e cresceu, cidade sempre presente na sua obra e à qual dedica uma atenção privilegiada nesta narrativa autobiográfica. Começando pela casa de família, situada na Avenida Central, em frente da qual se encontra o busto da escritora, da autoria do escultor Jorge Ulisses. Trata-se de uma casa com localização privilegiada numa das artérias principais da cidade e com vista para aquele que é um dos maiores espaços ajardinados no centro, lateralmente delimitado e separado da rua por uma linha de frondosas tílias. A casa conserva o traçado original da sua construção no século XIX, mantendo-se, desde aí, na posse da família de Maria Ondina. Na fachada frontal é possível ver ainda a inscrição pintada em tons ocre “Móveis Soares Barbosa” e, mais abaixo, um nome: “Luiz Soares Barbosa”. A conceituada fábrica e loja de móveis em madeiras exóticas, esta última aberta até 2012 no rés-do-chão do edifício, foi fundada por este tio de Ondina que aprendera em Paris com os mestres da Art Déco, regressando a Braga para se estabelecer por conta própria, quer na prática quer no ensino das artes do móvel. Além de empreendedor, o tio de Ondina é um homem corajoso, divorciado de uma parisiense “na cidade dos arcebispos e num tempo em que o divórcio quase correspondia à excomunhão”. É com esse tio que os pais de Ondina irão viver na casa grande da Avenida e onde nascem a escritora e os irmãos. Será ainda esse tio a encarregar-se da educação de Ondina, depois da morte do pai.

A escritora guarda na memória o teto de estuque da sala com os quatro continentes representados em cada canto: “Europa, Ásia, África, América. Tão velha a casa que, ao ser construída, decerto não se conhecia ainda a Oceânia”. Distraíndo o olhar de Ondina do enfado das rezas familiares, esse teto é a cartografia anunciada do destino que virá a ser o seu. Como lhe ficam tatuados na memória e na pele os cheiros das madeiras exóticas a secar no jardim das traseiras da casa, o perfume da serradura a arder na salamandra da sala, o aroma das centenárias tílias da Avenida:

Sempre que torno à terra onde nasci e me criei, terra que um dia havia de deixar, não pelo que lá me pesava mas por uma prova que a mim própria impus, uma porfia... Sempre, pois, que aí regresso, aumentada agora a área da cidade e a população, sinto-me, que ironia! como se arribasse a um deserto. Deserto porventura muito meu. Um ermo dentro de mim. O que acontece com todos que se distanciam do torrão natal, do lar, do ninho? Uma desforra das raízes? Uma maldição?

A casa, contudo, lá continua, no centro da cidade, séria, segura, e, como antigamente, a rescender à seiva das madeiras. Madeiras nacionais, a nogueira, o carvalho, o castanho, o seu sangue rosado, pálido, cinzento. Preciosos, o pau-santo, o pau-cetim, o vinhático, o mogno de Cuba, o buxo para os embutidos. No Inverno alimentava-se a salamandra com a serradura que, de inflamada, se virava fantástica. Com isso se enchem também as cobras de cotim contra o frio pelas fendas das janelas e das portas. E as jarras a equilibrar-se nas “étagères”.

Está lá a casa e estão lá as tílias da Avenida: duas qualidades: as frondosas, de folhas em forma de coração, e as glaucas, graciosas. Eu, portanto, em Braga, a encontrar-me pelos cantos da casa e à sombra das tílias.

Vidas Vencidas



Limiar entre o mundo interior e o exterior, o íntimo e o privado, a janela é posto de vigia, gávea aberta sobre o mundo desconhecido que fascina a criança. Da janela da casa a menina vê, para além das tílias, o conjunto arquitetónico da Arcada, mandado construir pelo arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles e ao fundo, à distância, o Monte Picoto, envolto num halo de mistério e de crime que acorda na criança a imaginação e o desejo da escrita.

A centenária casa de Móveis Soares Barbosa mobilou muitas das casas da burguesia e aristocracia nortenhas. Entre elas, a casa do Comendador Nogueira da Silva, ali ao lado, hoje transformada em Museu e propriedade da Universidade do Minho, oferece ao visitante uma importante coleção que vai do mobiliário, ourivesaria, tapeçaria, pintura, escultura aos vidros e porcelanas. Os jardins interiores do Museu acolhem atualmente o Espaço Maria Ondina Braga e a cafetaria Jardim do Chá, inspirada nas viagens e no culto da escritora por esta bebida, ambos abertos diariamente ao visitante. No Espaço Maria Ondina Braga podem ser vistos vários objetos pessoais da escritora, para além de fotografias e de várias edições dos seus livros. Aqui se encontra o espólio da autora, doado pela família ao Museu, hoje informatizado e acessível ao público.

Contíguo à casa de Ondina, na direção da Arcada, o Hotel Francfort, então em voga. Das janelas da casa de família, do outro lado da rua, a escritora vê a torre do Convento e Igreja dos Congregados cujo sino marca o ritmo dos dias. O edifício, mandado construir pela Congregação dos Padres Oratorianos de Filipe de Nery, em 1687, e edificado décadas mais tarde, ostenta na fachada da igreja e no retábulo de Nossa Senhora das Dores, entre outros elementos decorativos, a assinatura de André Soares. No primeiro andar, resguardada do olhar público, é obrigatória a visita à Capela dos Monges, considerada hoje uma das obras-primas deste genial arquiteto do barroco português.

O dobre do sino dos Congregados ficará para sempre gravado na memória de Ondina no dia da morte do pai; mas nem por isso deixará de

inundar de alegria o coração da jovem ansiosa que espera com o toque da meia-noite o início dos festejos de São João e o encanto do fogo de artifício que ainda hoje fascina quer os habitantes quer os visitantes da cidade:

E ao soar da meia-noite na torre dos Congregados, trás, as cataratas de luz, o fogo-de-artifício. O quarto ali, todo ouro e prata, e furta-cores. O quarto e as copas das árvores que os pardais sobrevoavam, assustados. No jardim, as minhas ex-colegas suspendiam o passeio para, de pescoço esticado, apreciarem lá em cima a artificiosa chuva de pérolas, de relâmpagos, de pranto.

Vinha em seguida, o fogo chinês: luminárias de bonecos de papel, subindo em círculo, rumo ao céu: o cavaleiro andante, o frade crúzio, a dama de saia de balão. Que aí a mãe a contar da minha avó com uma saia assim num retrato antigo. (...) A acompanhar com os olhos a ascensão da boneca de crinolina, e a suspirar minha mãe: “Que desgosto! Rasgou-o decerto. E era o único retrato que tínhamos dela...”

À girândola final, um aparatoso estrépito sobre a cidade esventrada e verde, a vez das orvalhadas. Descíamos então a guilhotina das janelas.

Vidas Vencidas

Mágico, sob a luz feérica do fogo de artifício nas festas de S. João, das mais famosas da cidade, o coreto inundado de música e de cheiros, ali mesmo, aos pés da casa, convocando a festa e a pauta da escrita:

Eu a pensar que outras festas de S. João haviam de vir. Noites como aquela de música no coreto, cantigas, danças, ervas de cheiro, orvalhadas (...). A pensar que com ou sem festas (o mesmo quer dizer: com ou sem mãe), por mim, jamais deixaria de ler histórias ou inventá-las para quem quer que fosse. A menos que para a minha própria sombra.

Vidas Vencidas





Ao lado dos Congregados, três casas à frente em direção à Arcada, fica uma discreta casa de azulejos azul celeste, de três andares, cujo último andar a escritora via das janelas da casa da avenida. A escritora chamar-lhe-á “a casa dos anjos”, pelo mistério que pressentia para lá das janelas fechadas e das cassas brancas como asas de anjo que lhe acendem a imaginação:

Nesse tempo eu acreditava que viviam anjos por trás das janelas sempre fechadas de uma casa fronteira à nossa.

Era um prédio de azulejos azuis, um tanto de esquelha, com três andares. As tílias da Avenida só me deixavam ver o último. Aquelas janelas nunca se abriam. Acho que morava lá uma velha dama cujas pernas lhe não permitiam subir tão alto. Mas isso soube-o depois. Então, eu imaginava essa a casa dos anjos. Não sei dizer porquê. Havia cassa branca nos vidros. O peitoril e os caixilhos também brancos. O jeito enviesado da frontaria, como de quem se queria esconder, e o mistério de um recolhimento assim ajudavam-me a fantasia. E cheguei mesmo a vislumbrar, por noites de Lua, néveas asas adejando através da cassa.

Estátua de Sal



Junto à “casa dos anjos”, a loja Pereira das Violas, ainda hoje existente, evocando memórias dos tempos de guerra. A partir dos Congregados, em direção ao Largo da Senhora-a-Branca, encontramos a Casa do Rolão, projeto do arquiteto André Soares. Belo exemplar da arquitetura civil, a casa foi construída entre 1759 e 1765 e pertenceu à família de um comerciante abastado, no ramo do fabrico e comércio das sedas. Ondina terá passado inúmeras vezes pela casa nos seus trajetos diários, ainda que não se lhe refira explicitamente, talvez por ali se encontrarem à data as instalações de um dos jornais diários da cidade. A casa do Rolão tem hoje a funcionar no piso térreo uma livraria de charme que Ondina, já doente à altura em que esta abriu portas ao público na Praça da Faculdade de Filosofia, em 1999, terá ainda conhecido.

Saindo da Casa do Rolão em direção à Igreja da Senhora-a-Branca, situa-se o Colégio D. Pedro V, onde a escritora frequentou o ensino pré-escolar e a escola primária. Edifício construído em 1652 para recolhimento de donzelas e viúvas, foi ampliado e convertido em Convento da Penha de França durante o arcebispado de D. Rodrigo de Moura Teles. Em 1879, as instalações do convento foram cedidas ao Asylo da Infância Desvalida D. Pedro V e posteriormente demolidas para surgir o atual edifício. Instituição de ensino particular, o Colégio abriga hoje os claustros do antigo convento e a capela de N^a Senhora da Penha de França, um dos símbolos da arte barroca bracarense, bem como, desde 2017, uma biblioteca escolar com o nome de Maria Ondina Braga. O claustro do convento e as hortênsias regadas com água benta são, de resto, uma imagem inspiradora na novela “Lua de Sangue”. A escritora recorda os anos passados no Colégio como um tempo feliz de cantigas e de jogos infantis, mas também um tempo de confronto com a diferença social:

As meninas internas, filhas de pais em África, ou mesmo mais perto mas fora de Braga – filhas naturais? –, ninguém nunca as visitava, essas moças, pelo que as professoras eram a sua paixão.

Vidas Vencidas



Do lado oposto da rua, em direção à casa de Ondina, encontra-se o edifício do Recolhimento de Santa Maria Madalena, mais conhecido por Recolhimento das Convertidas, mandado construir pelo arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles e inaugurado em 1722 para “instalar mulheres pecadoras convertidas a Deus”. Uma ilha de solidão no coração da cidade, onde a troca de um prato de comida e de uma reabilitação social, as mulheres se remetiam ao mutismo ou se confinavam à clausura, incluindo a clausura dos sentidos e do corpo. O Recolhimento das Convertidas encerrou portas em 1998 por falta de condições, estando ainda vivas duas das ocupantes. O destino de solidão e de exílio destas mulheres marcará indelevelmente Ondina que procurou dar corpo e voz a este e a outros silêncios na sua escrita, às “histórias, sempre histórias do infortúnio das mulheres”, dos seus dramas ocultos, atravessados pela temática da miséria e da violência, do aborto clandestino e da desigualdade social.



Transpor a dupla porta de entrada do Recolhimento das Convertidas é descobrir que estar “fechado a sete chaves” é mais do que uma forma de expressão, antes o testemunho de um exílio forçado. Entrar no espaço reservado da capela é descobrir que as grades são a rasura do olhar e a impossibilidade do tato e da comunicação, de uma qualquer grafia migrante. Elas são a trama do silêncio, as linhas de uma invisível escrita da solidão. Percorrer os espaços íntimos, corredores, celas e jardins é viajar numa máquina do tempo, recuar a esse elegante século XVIII e vislumbrar pelo buraco da fechadura o avesso da sumptuosidade aristocrática, da religiosidade barroca, despojadas de doces cupidos e anjos celestiais, quando não do próprio Cristo saudoso de um calor mais humano. Apesar de precisar de restauro urgente, tudo está intacto como se o tempo tivesse poupado este oásis de silêncio no deserto da cidade, ele próprio cúmplice destas mulheres condenadas à burka invisível do anátema social.



Esta memória (bem como a do Colégio da Regeneração, na Rua de S. Geraldo) acompanha Ondina nos diversos lugares do mundo, nomeadamente no Colégio de Santa Rosa de Lima, *Nocturno em Macau*, e vagueia como sombra fantasmática em alguns contos de *A China Fica ao Lado* ou no romance *Nocturno em Macau*. Memória que emerge com particular nitidez em “O Recolhimento”, de *Os Rostos de Jano*, no estigma social que envolve personagens como a “Mil-Homens”, de quem todas as mulheres se afastam na capela, e nos interditos das confidências noturnas de um conto de *Amor e Morte*, sugestivamente intitulado “Casa de Regeneração”.

A identidade literária da autora afirma-se assim em permanente diálogo (ou confronto) com o real, em tensão com a opacidade do “outro”, na permanente escuta de outras vozes, sobretudo daquelas que, por motivos vários, foram confinadas ao silêncio. De resto, esta imagem de clausura e solidão, metáfora do recolhimento que a escrita pressupõe, persegue Ondina, deixando uma marca indelével na sua escrita:

Nunca penetrei numa clausura. Nunca desejei ser freira. Mas os conventos, os hábitos das monjas, o tilintar das campainhas que regulam os passos da comunidade, aquela ciência que cada religiosa guarda no olhar recatado ou no sorriso singularmente feliz, tudo o que lhes diz respeito me impressiona.

Estátua de Sal

Associada à memória religiosa de Braga e das suas muitas igrejas (“preciosos os azulejos do Pópulo, qual os de São Vicente e de São Victor”) surge a figura da Ventaneira, figura curiosa de mulher “meio freira, meio louca” que “andava de missa em missa, de bênção em *Tê-Deum*, de novena em tríduo, sinistra, enigmática, só, como o vento de sala em sala nos casarões assombrados”. Ao olhar de Ondina, a estranheza da Ventaneira é a razão do seu fascínio. Criatura no limiar de dois mundos, entre a loucura e a razão, mas também entre a fé e a superstição popular, bruxa ou “lobimulher”, a ventaneira assusta e encanta Ondina.



A par da figura da Ventaneira, do culto do S. Bentinho de trás do hospital e dos festejos “pagãos” do São João que ainda hoje constituem um ponto alto da vida da cidade, Ondina destaca os festejos da Semana Santa que fazem de Braga um lugar de referência no turismo religioso. A escritora dá-nos conta dos gestos e dos rituais familiares que marcam esta data:

A Semana Santa, em Braga. Grande azáfama na velha casa porque era o tempo das limpezas gerais. Nas janelas abertas de par em par ondulavam os cortinados de cassa engomados de fresco. E nas jarras da sala eram os ramos de goivos, de margaridas, de junquinhos.

(...)

O Senhor dos Passos. O «Ecce Homo» de pé, gesto desprotegido, olhar de resignação à loucura dos homens. A Virgem das Dores com lágrimas de brilhantes. Cristo na cruz: braços estirados de músculos salientes, cabeça agonizante, pendida, aquela fadiga, aquele desamparo...

(...) E a Augusta Cidade, ressoando ao lúgubre dobrar dos sinos, parecia toda feita para aquilo, quando, veladas as luzes, o clero de cabeças encapuzadas, o som cavo dos bastões nas pedras da calçada, a procissão passava noite fora com o enterro do Senhor.

Estátua de Sal

Da memória de Ondina faz ainda parte a vida da cidade cultural e comercial. O bellissimo Theatro Circo, inaugurado em 1915, obra do arquiteto João de Moura Coutinho, pelo qual passaram óperas de Puccini e de Verdi, é o espaço onde os pais de Ondina terão visto pela primeira vez os filmes de Charlie Chaplin que tanto apreciavam. Lojas e pastelarias, como a Luxa, fundada em 1828, e cafés como *A Brasileira*, fundado em 1907, o café mais antigo da cidade e um dos seus ex-libris, ainda hoje aberto ao público. Durante o Estado Novo, era o ponto de encontro dos opositores ao regime, enquanto os apoiantes de Salazar se reuniam no café em frente, *A Nova Brasileira* – hoje desaparecido, como recorda em *Vidas Vencidas: Entretanto, no coração da cidade, dois cafés frente a frente, um representando os Aliados, o outro o Eixo, e odiando-se mutuamente. Enfim, uma forma diferente de os bracarenses se entreterem ao serão. Na Brasileira Nova, germanófilos com o retrato de Hitler. Na Brasileira Velha, Churchill e de Gaulle. E caso os ânimos aquecessem, aos sábados, acordando, altas horas, a urbe adormecida, era o pomposo passo do cavalo do fidalgo dos Biscainhos a pôr cobro à discórdia. A minha principal recordação, todavia, o tio Luiz, que não frequentava nenhuma das Brasileiras, a sua mágoa quando as tropas alemãs ocuparam a capital francesa.*





Saindo de *A Brasileira*, e antes de nos embrenharmos pela Rua do Souto, convém subir, depois de atravessar a Arcada, a Rua dos Chãos em direção à Rua de S. Vicente até ao antigo Liceu Sá de Miranda onde estudou Ondina. Lá está, ainda hoje, a janela da sala de Ondina, janela de esquina que, ao contrário da “janela de frente e de fê” de Castelo Gandolfo, há de assombrar a sua escrita: “Casa de esquina, reza o ditado, assombração ou ruína... Janela que, de tanto a recordar e toda me arrepiar, bem possível talvez nunca ter existido. Pois coisas assim comigo, verdade aqui seja dita, coisas dessas vêm-me de dentro ou das sombras que me seguem.”

Dos tempos de liceu, não guarda Ondina lembranças gratas; antes um som e uma cor. O “toque do sino para a aula apunhalava-a a cada ressoar” e a rua soturna deixa-lhe uma “lembrança magoada” de *via crucis*. As pessoas de preto, a caminho do cemitério, ali a poucos metros. Especialmente as viúvas, cujos crepes na cara lhe lembram os véus das mulheres árabes com as quais se cruzou nas estradas do mundo:

Ao liceu, chegava pela Rua de São Vicente. Visto ser também o sentido do cemitério, casas funerárias, enterros, homens e mulheres de preto, senão o fumo na manga ou na lapela. Que as viúvas, essas, de crepes pela cara. Tal ainda hoje as mulheres de Mafoma seja qual for a sua situação. A Sura das Mulheres ordenando que

elas se ocultem nos véus a fim de se absolverem dos pecados dos homens. Vi-as assim em Jibuti, na Somália Francesa. Véus cor de fogo. Os seus rostos como se incendiados.

Vidas Vencidas

Todavia, é no teatro do liceu que nasce a paixão de Maria Ondina pelo Oriente. Secretamente herdada do tio Luiz, a paixão eclode um sábado, numa conferência sobre a China: “Talvez o mais estranho de tudo quanto acabo de contar, é se, porventura, aqui começou, então, pela China a minha paixão”.

Na esquina da memória de Ondina ilumina-se, porém, a Doçaria de São Vicente, tentando as bocas estudantis e anónimas. Aberta desde 1829, a Doçaria mantém a fachada original e uma confeção afamada em doces conventuais, desde logo as “Viúvas”, receita com mais de trezentos anos vinda do Mosteiro de Tibães, para além dos biscoitos fidalgos ou dos bolos lêvedos que fizeram da Casa uma prestigiada referência na cidade.

As janelas do Liceu conduzem-nos a outras janelas, entre as muitas janelas do mundo que encantarão a escritora. Desse caleidoscópio de janelas, sobressaem a janela da Casa dos Coimbras e a janela da Casa dos Crivos (na Rua de S. Marcos, do lado oposto à entrada lateral d’*A Brasileira*), ambas no centro histórico:

Janelas francesas – abriam-se como livros. De grades, nos conventos e na cadeia. A janela manuelina da Casa dos Coimbras, onde os turistas paravam a tirar retratos. Fechadas, de casas onde tinha morrido gente. Vidros apedrejados, partidos, de casarões assombrados. Janelas severas, de portas de madeira, que gemiam nos gonzos. Garridas, de persianas verdes, nos chalés brasileiros. De crivos, na casa mais antiga da cidade. (...) As janelas da Sé tinham vidas de santos em vitrais. A luz entrava furta-cores, doirava o pó do ar, avivava as chagas de Cristo na cruz, tremulava nas lágrimas da Senhora das Angústias.

Tempo em que os olhos eram as janelas da alma.

A Revolta das Palavras

A janela manuelina da Casa dos Coimbras merece um olhar demorado e a casa uma visita. A antiga construção, que em 1471 servia de residência eclesíastica, foi reconstruída no século XVI e adquirida pelo provedor do Cabido de Braga, D. João de Coimbra. A casa foi demolida em 1906 para dar lugar ao Largo de São João do Souto. Em 1924, virá a ser reconstruída, aproveitando os elementos da antiga construção, entre eles a belíssima janela sobre a rua Afonso Henriques. A Casa integra ainda uma capela privada (Capela de Nossa Senhora da Conceição, datada de 1525), anexa à Igreja de São João do Souto. O seu interior reserva ao visitante a surpresa de um altar-mor e de uma escultura em pedra de ançã atribuídos a João de Ruão: o retábulo apresentando Nossa Senhora da Conceição ao centro, ladeada por Santa Ana e São Joaquim e um conjunto escultórico policromado representando a Deposição de Cristo do qual se destaca a figura dramática da Mater Dolorosa. O altar-mor surge enquadrado lateralmente por azulejos do século XVIII alusivos à criação do mundo que surpreendem o visitante pela fisicalidade dos corpos. A Capela tem ainda a particularidade de ostentar, quer na abóbada de nervuras, decorada com florões e pedra de armas dos Coimbras, quer no portal de madeira, vários elementos da simbologia maçónica.

A propósito da construção da Capela dos Coimbras por mestres da Biscaia, refira-se o Palácio dos Biscainhos (na Rua dos Biscainhos), construído no século XVII como residência dos Condes de Bertandos e que traz à memória de Ondina a legenda das intermináveis obras de melhoramento durante o século XVIII, bem como as excêntricas cavalgadas noturnas do fidalgo pelas ruas de Braga e o “clap-clap dos cavalos” que a assustava na infância, como refere em *A Filha do Juramento*. O Palácio oferece ao visitante a oportunidade de conhecer o quotidiano privado da nobreza setecentista, pela notável coleção de artes decorativas e de mobiliário, bem como o jardim barroco, um dos mais importantes do país, com destaque para o imponente tulipeiro do século XVIII (“*Liriodendron tulipifera*”).



Digna de visita é igualmente a Casa do Raio que o visitante pode encontrar descendo a rua da Casa dos Coimbras em direção ao Largo Carlos Amarante e contornando em seguida, lateralmente, a Igreja de São Marcos até ao fundo da rua. Construído entre 1752-1755, por encomenda de João Duarte de Faria, comerciante da cidade, este exemplar notável da arquitetura civil barroca é um projeto do arquiteto André Soares, tendo sido comprado no século XIX por Miguel José Raio, visconde de São Lázaro, passando desde aí a ser designado como Palácio do Raio. São também deste século os azulejos que dão o tom azul pelo qual a fachada da casa é reconhecida, fazendo sobressair as suas onze sedutoras janelas. O Palácio é hoje o Centro Interpretativo das Memórias da Misericórdia de Braga. Ondina chama-lhe Casa do Raio e evoca-a a propósito de D. Eugénia, figura caricatural (“solteira, anã, usava botas até ao joelho”), zelosa guardiã das virtudes das raparigas desvalidas e companheira noturna do visconde do Raio.





A Igreja de São Marcos, construída no séc. XVIII, obra do arquiteto Carlos Amarante que deu o nome ao Largo onde fica situada, é paragem obrigatória. A igreja guarda no seu interior as relíquias do apóstolo S. Marcos cujo corpo se julgou desaparecido durante vários séculos. Ao lado, a Igreja de Santa Cruz, mais sóbria, datada do século XVII e exemplo da arquitetura maneirista, impõe-se ao olhar pela talha dourada do órgão e dos púlpitos, mas também pela fachada frontal cuja decoração esconde os três galos associados à negação de Pedro e aos instrumentos da Paixão de Cristo. Três galos que a crença popular converteu em lenda e transformou em galos casamenteiros que hoje atraem a curiosidade das mulheres solteiras e dos turistas.

Voltando ao caleidoscópio de janelas, seguimos em direção à Rua de S. Marcos. As janelas da Casa dos Crivos, frente ao café *A Brasileira*, surpreendem o visitante pelo inusitado da fachada inteiramente coberta por gelosias, porventura inspirada no gradeamento das muitas edificações conventuais existentes na cidade. Desde logo, no estreito gradeamento do Recolhimento das Convertidas ou nas rendas de “crivos” em que tantas destas instituições se tornaram famosas. Datada do século XVII, trata-se de um exemplar único de arquitetura civil bracarense, testemunha de um tempo em que “o ambiente de excessiva religiosidade fez cobrir as janelas de gelosias que dariam a Braga o aspeto de uma cidade muçulmana” (Sérgio Pinto, *Guia de Braga*, 1959). Mais do que assegurar a ventilação interior, as finas réguas cruzadas resguardavam a privacidade da casa do olhar alheio, permitindo observar sem ser observado. Imagem icónica da cidade, as janelas da Casa dos Crivos seduzem Ondina pelo mistério do olhar que para lá delas se adivinha. Das muitas histórias ocultas para lá da trama das janelas.

Para além das janelas da Casa dos Coimbras ou da Casa dos Crivos, a escritora evoca as janelas de vitrais da Sé, onde as vidas de santos ganham cor sob o efeito da refração da luz e as chagas de Cristo ou as lágrimas da Senhora das Angústias parecem reais. O que nos conduz a um dos lugares



de eleição afetiva da escritora: a Sé de Braga. Um dos mais importantes e antigos templos do românico do país, construído sobre as fundações do mercado romano (ou de um antigo templo votado a Ísis), a sua reconstrução data do século XI, tendo sofrido sucessivas alterações ao longo dos séculos. Aqui se encontram os túmulos de Henrique de Borgonha, Conde de Portugal, e de Teresa de Leão, sua esposa, pais de D. Afonso Henriques.

De novo a terra natal. As pedras da Sé. Tentei um dia fazer versos à Senhora que dá de mamar ao Menino. Muito humana aquela Senhora, à sombra da catedral, de seio descoberto que o Menino suga, como mãe verdadeira, mãe pobre parando no caminho a aleitar o filho.

Jamais tive devoção à Virgem. Sempre ela me pareceu alheia à minha condição de mulher, à minha fatal descendência de Eva. Ela, a que nasceu diferente, a toda pura, a que nunca partilhou da guerra crua entre o espírito e a matéria.

Mas à Senhora do Leite da Sé de Braga, como lhe quero!



(...) Muito fresca a Sé nas tardes de verão. A nave escura e imensa de silêncio. Faunos dourados, negros, seguram aos ombros o coro pesado de talha. E os canos do órgão são como áureos clarins à espera do Anjo do Dia do Juízo.

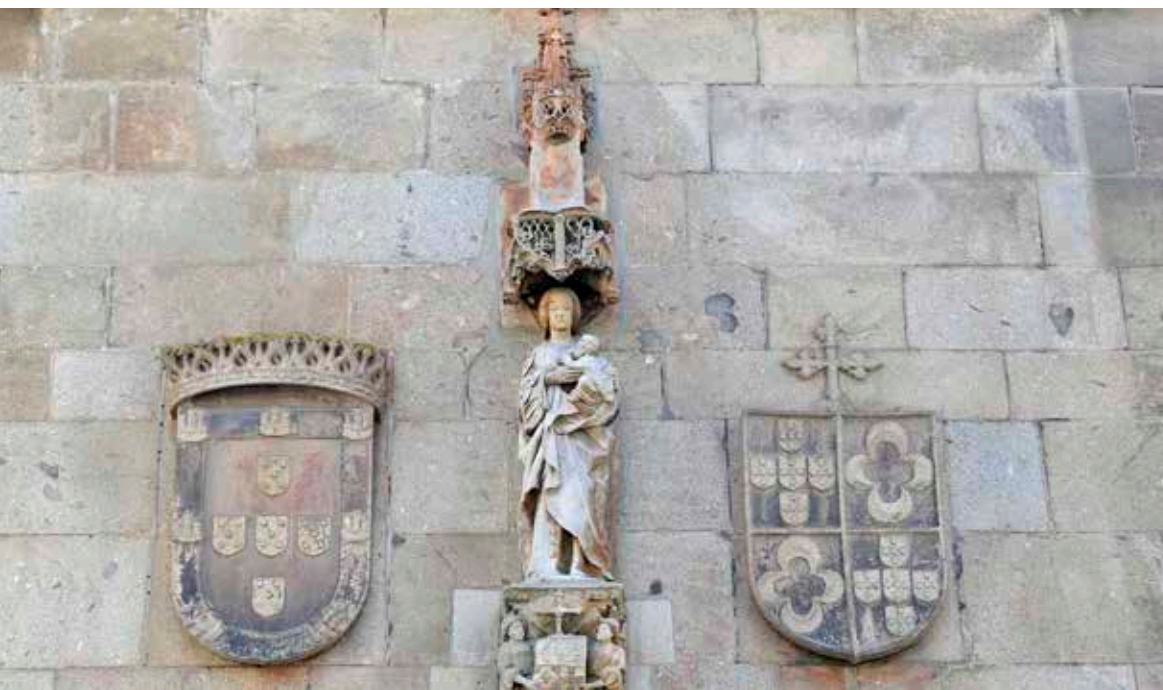
Um mundo de antiquíssimos e nobres encantos, a Sé de Braga. As pedras murmuram, e as almas dos prelados mortos, às Trindades, quando o claustro é sem ninguém, vêm adejar à boca dos túmulos.

Também o Largo do Paço: castelos de água, limos e granito. Hei-de lembrar esse fontanário na outra vida, e assim as varandas discretas, sóbrias.

Estátua de Sal

Mais do que as pedras e todo esse “mundo de antiquíssimos e nobres encantos”, Ondina nutre um especial carinho por aquele discreto recanto, “à sombra da Sé”, onde se ergue a imagem da Senhora do Leite, amamentando o Menino. A escultura, datada do século XVI, é um dos ícones mais antigos da religião cristã que o Concílio de Trento condenou ao desaparecimento pelo que esta representação humana da Virgem continha de desrespeito ao pudor. Mas é essa humanidade da Senhora, a “mãe verdadeira, mãe pobre parando no caminho a aleitar o filho”, que comove Ondina, a imagem que para sempre guardará no coração.

Junto à Sé, merece destaque a Capela de S. Geraldo, padroeiro da cidade. Datada do séc. XII, ostenta um belíssimo teto medieval, bem como uma talha revestida a folha de ouro do Brasil. Abre no dia 5 de dezembro, dia de S. Geraldo, sendo os altares ornados de frutas, em alusão à lenda do santo.





Gravado no coração de Ondina fica o Largo do Paço, conjunto de edifícios, outrora residência episcopal, hoje na posse da Universidade do Minho. O corpo do edifício sofreu várias alterações e restaurações ao longo dos séculos, devendo a sua configuração atual às obras de ampliação da iniciativa de D. Rodrigo de Moura Teles, no século XVIII. O edifício voltado para a Praça do Município, da autoria de André Soares, foi devastado por um grande incêndio em 1866, tendo sido integralmente reconstruído nos anos 30 do século XX. O seu interior oculta um dos tesouros mais escondidos e valiosos da cidade de Braga: a majestosa biblioteca setecentista. Ondina deixará um sentido testemunho relativamente a esta Biblioteca Pública, seu lugar secreto desde os treze anos, espaço de privacidade que a resgata da clandestinidade da leitura:

Eu, contudo, não mais desterrada no pátio fundo, um livro a furto nos joelhos. A descer a Rua do Souto, eu, a subir os degraus da Biblioteca Pública. Preenchia uma ficha, apresentava o bilhete de identidade. Aquele rigor. Aquele respeito. Eu, até então, clandestina. A minha carta de alforria. A minha remissão.

“Uma descoberta e um descanso”

A discrição das varandas do Paço abertas sobre a praça e sobre a principal rua comercial da cidade, bem como o Chafariz dos Castelos, mandado construir por D. Rodrigo de Moura Teles, em 1723, com os seus “castelos de água, limos e granito” e encimado por uma figura feminina representando a cidade, encantam Ondina. Memória de vozes antigas e anónimas, de histórias de gentes reunidas à volta do fontanário, de um tempo em que as pedras eram a página onde se escrevia a vida da água e dos homens e as fontes, como as varandas, choravam lágrimas de limos. Memória desse culto ancestral da água de que resta hoje na cidade a Fonte do Ídolo, santuário rupestre pré-romano consagrado à deusa Nabia.

Dessa memória de pedra e de água, farão igualmente parte as “pedras romanas” da antiga Bracara Augusta, expostas no Museu D. Diogo de Sousa ou ainda à vista, entre outros lugares, nas Termas da Cividade, bem como nas ruínas de um bairro residencial nas Carvalheiras, em processo de musealização.

A imagem da cidade, das suas ruas e largos, das suas lojas e igrejas, do toque dos sinos e do relógio do Convento do Carmo, do ruído dos elétricos,

ressoa em vários momentos da escrita de Ondina, provocando na escritora uma paradoxal sensação de não-pertença e de regresso à casa familiar:

E teimo na minha terra: as ruas de Braga, cada esquina, cada pedra, quase. Um a um, vou transpondo os passeios estreitos das ruas velhas, tortas, a brancura das avenidas, as lojas, as igrejas, os largos. Ando por lá peregrinando. É noitinha, e os sinos a Trindades – tantos sinos, meu Deus! Os pardais esvoaçam, murmurantes, nas tílias do jardim. Ando por lá e ninguém dá conta. Que coisa boa! Escusado falar, dizer que estou bem, ficar obrigada.

De repente, um vibrar de campainha. Já estou na Arcada. Uma música familiar, impertinente. É o eléctrico. Como eu ia distraída a atravessar! Fazem-me saudades esses tinidos. Tão bom o eléctrico a desengonçar-se até ao Bom Jesus. Os chalés brasileiros com estátuas de louça. O perfume da madressilva pela Primavera.

Estátua de Sal





O Bom Jesus, assim como o Sameiro, são lugares de paragem obrigatória neste roteiro, presenças tutelares sobre a cidade e espaços simultaneamente familiares e inspiradores para a escritora. Locais de culto religioso, são não apenas dois grandes pulmões verdes, mas também dois pontos privilegiados de vista panorâmica sobre a cidade. Ondina evoca tanto os passeios familiares a estes sítios como as histórias e as imagens que eles convocam.

Mandado edificar pelo arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles, o Bom Jesus é para Ondina um lugar especial, porque ele se confunde com a memória do pai, escriturário nos hotéis do santuário, e de quem herda o amor pelas plantas. A imagem do pai surge associada ao horto hoje desaparecido:

De regresso do trabalho, directo ao jardim, meu pai, a colher o cravo que prendia da lapela e a folhinha de alfádega atrás da orelha. Já na gaveta da escrivaninha, em caixinhas de charutos, guardava ele as sementes que trazia do horto do Bom Jesus do Monte: cosmos, sécias, botões-de-ouro, miosótis. E martírios. E amores-perfeitos. As begónias davam-se era debaixo da clarabóia e na sala das visitas. Dedos verdes, meu pai. Dedos da cor dos olhos.

Vidas Vencidas

O Bom Jesus será ainda para Ondina memória verde das pedras, memória de água que faz do escadório um autêntico “poema mineral”. Uma exaltação dos sentidos que é para ela o avesso do percurso ascensional barroco que as fontes dos cinco sentidos traduzem. Trajeto que o funicular do século XIX, ali ao lado, parece acompanhar na sua descida vertiginosa (primeiro a funcionar na Península Ibérica, é hoje o exemplar mais antigo em serviço, no mundo, a utilizar o sistema de contrapeso de água).

A descida do Bom Jesus é, assim, um regresso à respiração da terra, ao húmus fértil, à linfa, mas também ao desejo de escrita:



O Bom Jesus. Pedra a delir em água. Desce-se o escadório. Cheira a algas, a linfa, a Génesis. De bocas, de olhos, de mãos de granito, nascem fontes límpidas e frias: um poema mineral! O Bom-Jesus traz Camilo: sombras, grutas, musgos, amores. A buganvília e as pombas trazem os romances franceses do século dezanove.

Estátua de Sal

Descer o Bom Jesus é regressar à raiz da árvore ou ao mito que a escritora diz ser a razão da sua escrita: “Eu vim para ver a terra”, afirma em *Passagem do Cabo*, “como se tornasse ao princípio de mim. Ao princípio do mundo. Lá onde Deus criou o homem e o pôs no Jardim do Éden que tinha ao centro a árvore da vida. Uma memória maior do que eu mesma, a desta terra jovem e exuberante”.

O Bom Jesus são as árvores, a consciência ecológica e ambiental que atravessa a escrita de Ondina, para a qual confluem tanto os antigos cultos pagãos como o cristianismo ou o taoísmo. É a memória de Camilo, escrevendo sobre “as grandes árvores, as sombras escuras, os penhascos musgosos”, vagueando por entre as “carvalheiras” e o cerrado “arvoredo da mãe-d’água”. O cantinho do escritor ainda lá está, escondido sob as árvores e as sombras, no espaço que pertence hoje ao Salão de Chá e Colunata de Eventos do Bom Jesus, da autoria de Raul Lino. E as árvores desta Sintra do norte também, a merecer identificação e um roteiro pedagógico que as dê a conhecer aos muitos visitantes que diariamente procuram o pulmão verde do Bom Jesus.

O Bom Jesus é também a memória de D. Sarah, o lado oculto do santuário, a médium das sessões espíritas do Solar dos Castelos, que aguça a curiosidade de Ondina. E de Glória, companheira de inesquecíveis passeios, a tia contadora de histórias que transforma um passeio de coche ao Sameiro numa viagem pela Amazônia, pelas “florestas povoadas de macacos e de cobras, rios caudalosos com margens a perder de vista e os olhos bo-galhudos dos crocodilos como binóculos a espreitar à tona da água”. Uma e outra serão determinantes no despertar da vocação de escrita em Ondina.





4. NAS ENTRELINHAS DA ESCRITA

O testemunho que a escritora Hélia Correia gentilmente escreveu para este livro é a chave de ouro com que abrimos, e agora encerramos, um roteiro que deseja ser também uma rota de encontro com Maria Ondina. Hélia Correia, que conheceu e foi amiga de Ondina, deixa-nos um retrato simultaneamente enternecido e fiel da escritora, tão delicado como ela sempre o foi. Um retrato que salienta a discrição como modo de ser de Ondina, não ocupando mais espaço, como os seus dias, do que *a música ou o perfume de uma flor*, porventura de uma ervilha-de-cheiro. O frémito de asas de um pássaro.

É essa delicadeza “quase física”, essa contenção emotiva, que imediatamente avulta da sobriedade descritiva dos lugares observados através do seu olhar. Ondina foge ao enfático e aos “postais turísticos” (expressão autoirónica que usa a propósito de uma visita à Madeira, numa carta escrita a bordo do navio “Infante D. Henrique”, em agosto de 1972). O seu, não é um olhar turístico, exterior, mas um olhar de alma, interior, um olhar atento à beleza do ínfimo, ao invisível e às sombras, aos gestos e detalhes, às vozes e silêncios. Um olhar de ternura sobre as coisas, as árvores, os bichos, os homens e as mulheres, sobretudo os mais simples, os mais discretos na paisagem do mundo. Talvez por isso estes lugares nos toquem tão profundamente.



Os sítios nortenhos são para Ondina lugares de memória, mas também lugares de afeto. Pedços do olhar da estátua de sal que foi a escritora: do seu olhar rememorativo, como o da mulher de Lot, mas simultaneamente em trânsito para outro lugar e para outro tempo. Lugares poéticos, também, no que implicam de transfiguração, de desocultação ou criação. Em qualquer dos casos, um olhar *diferente* sobre o real, um olhar revelador, íntimo, que este roteiro procura dar a ver e o *diferencia* dos roteiros turísticos, descobrindo espaços interiores e lugares improváveis nos habituais percursos de visita.

O escritor Tomaz de Figueiredo, cujo retrato Ondina conservará sempre em cima da mesa de trabalho, chama-lhe a “escritora menina” que fala da sua “alma”: *a que pertencia ao mundo calado do alheamento e da solidão. Esta, a menina de Braga, que salta da Escócia à China e volta – sempre só a estar bem onde não está, ou a estar bem em todos os sítios a um tempo – que volta aos vivos e aos defuntos, às infantilidades e à trança de menina: a menina parecida com o outono, que ao outono se compara*”.

O outono, estação no limiar do tempo, já não verão mas ainda não inverno, essa zona de fronteira é a forma de estar no mundo de Ondina, o modo de ser da sua escrita, ainda que nela brilhe o sol luminoso dos campos e das praias do Minho. Ou nela se escutem as muitas vozes outonais, pairando entre a realidade e a ficção, que habitam as antiquíssimas pedras de Braga ou vagueiam pelas suas ruas: a cidade de pedra e água será sempre para a escritora eixo e escala de leitura do mapa do mundo que percorreu.

A discrição de Ondina, a aparente simplicidade da sua escrita não se confundem, porém, com uma qualquer forma de nostalgia, antes se revelam um modo profundo de estar atento ao presente e sondar o futuro. O seu olhar móvel, a sua condição de emigrante ou de exílio, são, pela forma como interrogam, dialogam e estabelecem pontes culturais, cada vez mais atuais num mundo caracterizado por fluxos migratórios vários, por gritantes desigualdades sociais, por uma crescente desumanização e egoísmo.

Talvez por isso esta simplicidade seja hoje tão desafiante. Tão urgente viajar com Ondina, descobrir com ela os muitos caminhos do mundo.



AGRADECIMENTOS

Biblioteca Pública de Braga
Cabido da Sé de Braga
Câmara Municipal de Braga
Confraria do Bom Jesus do Monte
Colégio D. Pedro V
Delfim Carvalho
Elísio Silva Maia Araújo
Espaço Maria Ondina Braga
Família de D. António Coimbra de Vasconcelos e Lencastre
Fernando Mendes
Helena Trindade
Hélia Correia
Henrique Barreto Nunes
Isabel Silva
Jardim do Chá
João Jorge Azevedo Campos
José Manuel Mendes
José Silva Rocha
Luís José Soares Barbosa
Luís Manuel Soares Barbosa
Madalena Albergaria
Museu dos Biscainhos
Museu Nogueira da Silva
Nuno Vidal
Pedro Barros
Theatro Circo
Universidade do Minho / CEHUM

